

COMO FORMAR A GERAÇÃO Z NO ENSINO SUPERIOR? PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE METODOLOGIA FOIL

Breno Prado¹, Patrícia Wazlawick², Ricardo Schaefer³

¹Faculdade Antonio Meneghetti, Restinga Sêca, Brasil (brenopradowasilva@gmail.com)

²Faculdade Antonio Meneghetti, Restinga Sêca, Brasil

³Faculdade Antonio Meneghetti, Restinga Sêca, Brasil

Resumo: Este estudo analisou as percepções de professores de Metodologia FOIL de cursos de graduação quanto às melhores estratégias para formar alunos da Geração Z no ensino superior. Por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, identificaram-se desafios comuns, formas eficazes de ensino-aprendizagem e resultados da formação FOIL. As conclusões apontam para a importância de *atividades práticas e inovadoras de ensino e aprendizagem*, da *formação à responsabilidade* e do *autoconhecimento no processo formativo*.

Palavras-chave: ensino superior; Geração Z; nativos digitais; FOIL; metodologias inovadoras de ensino e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O futuro e o presente da educação é interdisciplinar, centrado no aluno, e constantemente atualizado segundo as características da sociedade e dos jovens de cada momento histórico. Assim, este estudo situa-se no contexto social e educacional atual em que muito se discute sobre a Geração Z, sobre as suas características particulares, os desafios que ela enfrenta e que impõe, e de como se pode educá-la, formá-la e trabalhar-se com ela. Especificamente, o tema desta pesquisa é: *estratégias eficazes para formar a Geração Z no ensino superior a partir da perspectiva e experiência de professores de Metodologia FOIL*.

A FOIL é uma metodologia educacional proposta por Antonio Meneghetti em Milão, na Itália, no ano de 2001, como resposta à necessidade de uma formação empreendedora, interdisciplinar e humanista. A sigla significa Formação Ontopsicológica Interdisciplinar de Liderança, e indica a sua base de conhecimento ontopsicológico. Este, por sua vez, tem como essência a retomada do movimento humanista, o qual, na visão de Meneghetti (2023), surge primeiro na Grécia e Roma Antigas, com a valorização das virtudes humanas, para só então despontar no atual território italiano, séculos mais tarde, sob os termos de Humanismo e Renascimento, com autores renomados como Terêncio, Pico della Mirandola e Petrarca – este último sendo aquele que cunhou propriamente o termo “Humanismo”. A tarefa a qual Antonio Meneghetti se propôs em vida foi aquela de recuperar, mais uma vez, essa centralidade de valores e virtudes humanas, e hoje suas contribuições

seguem sendo estudadas e aplicadas em diversos contextos educacionais e empresariais, entre outros (Meneghetti, 2023).

Esta pesquisa, em específico, remete-se à aplicação da Metodologia FOIL em cursos de graduação por meio de disciplinas conhecidas como “disciplinas FOIL”. Estas são destinadas a proporcionar uma formação interdisciplinar, empreendedora e de liderança. Para isso, elas buscam, primariamente, educar os alunos a uma *técnica de personalidade*, isto é, a um modo de se posicionar, ver, pensar e agir que lhes resulte em eficiência de ação prática (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2024a; 2024b). Deste modo, “ensina-se uma técnica de personalidade, entendida como aquele *savoir-faire* que é a inteligência centrada na ação específica de serviço à empresa e em que a pessoa é fundamental e determinante” (Meneghetti, 2020, p. 24). Ou seja, busca-se formar para *saber servir*, para *saber fornecer a melhor funcionalidade ao cliente*.

Como ponto de partida, a Metodologia FOIL apresenta uma proposta de educação voltada a conhecer a si mesmo, de modo aprofundado e vivencial. Para isso, ela se vale da sua literatura específica e de literaturas complementares, bem como de profissionais com experiência de mercado e formação em Metodologia FOIL.

Com isso em vista, esta pesquisa objetivou investigar as percepções ou entendimentos de professores de disciplinas FOIL sobre como melhor formar os jovens da Geração Z que estão atualmente ingressando no ensino superior. Com isso, foram geradas sínteses de compreensão sobre esse tema,

objetivando contribuir para com as atividades de outros profissionais da área da educação que tenham a Geração Z como público.

Para realizar esta pesquisa, elaboraram-se três categorias de análise *a priori* a partir de uma parte da bibliografia-base da FOIL, correlacionada ao tema específico deste estudo:

- A) Desafios no ensino à Geração Z;
- B) Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z;
- C) Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z.

Destas, a primeira é oriunda sobretudo do quanto publicado acerca da *crise do humano* (Meneghetti, 2023) e da *juventude do iPod* (Meneghetti, 2013), complementando-se às descrições de Desmurget, 2021).

Naquilo que o autor nomeia *crise do humano*, o problema fundamental é a falta de conhecimento e centralidade sobre o que é o ser humano, ao mesmo tempo em que uma *ciber* cultura crescente tende a afastar o ser humano daquilo que é naturalmente humano (Meneghetti, 2023). Na sua visão, a cultura do digital impõe uma hipervelocidade que não condiz com a velocidade do organismo, e a acessibilidade do conhecimento imediato não é igual ao tempo necessário para o indivíduo metabolizar, se apropriar e se tornar com um novo conhecimento, o que gera uma superficialidade nos jovens dessa geração (Meneghetti, 2023). Não obstante, na sua visão é mais crítica a atitude de substituição do real pelo digital, em que o jovem troca uma grande parte da sua vida real por uma vida digital, como se essa fosse, de fato, a sua vida (Meneghetti, 2023).

Depois, aquilo que Meneghetti (2013) chama de *juventude do iPod* se refere de modo mais específico a uma parcela dos jovens nativos digitais. Os nativos digitais são entendidos como todos aqueles que cresceram em meio às tecnologias digitais, desenvolvendo de modo distinto as suas habilidades digitais (Desmurget, 2021; Prensky, 2001). Não apenas se tratando de habilidades, o denominador *nativo digital* também implica diversas características pessoais. Segundo Desmurget (2021), entre as suas características, apresentam: tendência a realizar *multitasking*; preferência por informações representadas visualmente ao invés de apenas textualmente; menor qualidade e quantidade de interações humanas; menor tempo dedicado a atividades esportivas, artísticas, manuais e intelectuais, importantes para o desenvolvimento humano integral; problemas de saúde relacionados a estilo de vida, como distúrbios do sono e a sedentarismo excessivo; superestimulação da atenção e subestimulação intelectual, que repercutem

deficiências de concentração e aprendizagem, e aumento de impulsividade; entre outros.

Dentre os nativos digitais, a juventude do iPod apresenta como algumas das suas principais características: carência de autonomia econômica, existencial e afetiva; perspicácia em identificar as tipologias dos outros, buscando pontos em que sejam de alguma forma condenáveis; entendimento de si mesmos como detentores apenas de direitos, enquanto os deveres são entendidos como sendo exclusivamente por parte dos pais, dos educadores, do Estado etc.; velocidade no entender, sendo privilegiados pelos seus pais ou responsáveis, faltando-lhes, ao menos em parte, o desenvolvimento das responsabilidades que formaram os adultos das gerações anteriores; entre outros (Meneghetti, 2013).

A segunda categoria, *Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z*, origina-se do quanto exposto por Meneghetti (2013; 2023) como solução aos problemas da crise do humano e da juventude do iPod, bem como, de publicações contemporâneas acerca das características, desafios e modos eficazes para formar essa geração. Sobretudo, são prementes as indicações de uma educação: responsabilizante para com os jovens, ao invés de substituinte ou hiperassistencialista; não apenas centrada no aluno como um todo, pois isso incluiria seus estereótipos e vícios, mas centrada sobremaneira na sua vocação ou potencial de natureza (Meneghetti, 2013). Nas disciplinas FOIL adotam-se metodologias inov-ativas de ensino e aprendizagem (Filatro; Cavalcanti, 2018) em sala de aula, dentre as quais: aprendizagem por meio da ação; aprendizagem por projetos; aprendizagem baseada em problemas; aprender a aprender; erros como fonte de aprendizado; projetos interdisciplinares (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022).

A terceira categoria, *Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z*, tem sua origem tanto na literatura-base da FOIL, quanto nas demais publicações acadêmicas realizadas por seus professores e alunos nos últimos anos. Em especial, citam-se: Schaefer, Silva e Wazlawick (2023; 2024a) quanto às *FOIL skills*, isto é, *self skills* – habilidades de si mesmo ou habilidades intrapessoais – em conjunto à Metodologia FOIL; Florêncio, Hermes, Wazlawick e Schaefer (2022) quanto à formação de professores de Metodologia FOIL, que inclui vocação, estilo de vida, conhecimento técnico e recursos didáticos; e, por fim, Abich (2023), quanto aos resultados dessa formação a partir de pesquisa com egressos, segundo a qual eles haviam desenvolvido, em algum nível, uma competência competitiva baseada na própria vocação ou potencial natural, bem como demonstraram possuir uma lógica de responsabilidade, autonomia e *life long learning*.

Assim, a partir dessa fundamentação teórica, definiram-se as três categorias *a priori* supramencionadas, objetivando colher a visão, experiência e entendimento de professores de Metodologia FOIL acerca de como melhor formar os jovens da Geração Z no ensino superior.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa qualitativa, de campo, em que foram entrevistados, em ambiente universitário, na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul, sete professores de disciplinas FOIL de diferentes cursos de graduação. Os entrevistados, além da atuação como professores, atuam também como profissionais liberais de áreas diversas, ou como empresários, tendo idades entre 30 e 40 anos, com formação/titulação acadêmica máxima variando entre MBA e Pós-Doutorado, tendo diferentes formações (graduações) de base. Como instrumento de coleta foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, cujo foco das perguntas foram os alunos recém-chegados à universidade, integrantes da geração Z. Como instrumento de análise foi utilizada a análise de conteúdo, sendo utilizadas três categorias *a priori*: (A) Desafios no ensino à Geração Z; (B) Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z; (C) Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção constam: (1) as três categorias de análise *a priori*; (2) os excertos das entrevistas que melhor respondem a essas categorias, cada um junto a uma correlação com a bibliografia de base; (3) as sínteses extraídas da análise do quanto exposto pelos professores; por fim, (4) a discussão dos resultados, analisando estes em vista de referências pertinentes.

A) Desafios no ensino à Geração Z

Os desafios do ensino universitário da Geração Z podem ser evidenciados nos trechos das entrevistas com os docentes transcritas a seguir:

“Existe essa vontade de fazer, mas é muito da boca para fora. (...) Eles querem ‘mais prática’ (...) mas não têm ainda o discernimento para fazer” (P1).

“Eles são muito idealistas, né? Isso é verdade. (...) no sentido de que, tudo bem, ‘estou almejando isso, tomara que aconteça’, mas você pensar o meio do caminho, assim, e ter a certeza que isso de fato vai acontecer (...) isso é um pouco fraco” (P2).

Nas visões de P1 e P2, os alunos demonstram querer realizar mais atividades práticas do que então realizam, mas não apresentam preparação e/ou maturação para fazê-las. Eles se demonstram desproporcionalmente mais idealistas do que construtivistas. Isto é, idealizam, almejam, mas

pouco concretizam o caminho, o processo que leva àquilo que almejam.

Essa visão converge com Meneghetti (2013) e Desmurge (2021) na afirmação de uma reduzida competência prática nos jovens de hoje, que segundo os autores tem como causa a falta de estímulo na infância e adolescência às várias áreas do desenvolvimento humano, como esportes, artes, atividades práticas e responsabilidades individuais. O desenvolvimento integral, mas sobretudo prático e responsável, construiria nos jovens uma capacidade de realização prática, para que pudessem concretizar as ambições e aspirações que podem ter.

Outro desafio encontrado nas entrevistas relaciona-se à função dos professores na visão dos alunos, como ilustram os trechos a seguir:

“É como se o professor sentisse: ‘se eu não entro nesse jogo [de ser amigo do aluno], não agrado, eu não estou puxando o aluno para dentro da proposta de formação, então eu não sou um bom professor’. (...) A sensação que eu tenho é que ele não se dá conta disso. Para o aluno, a realidade é essa: ‘esse é o meu jeito e você tem que se adequar a esse meu jeito’” (P3).

“Dentro da emoção são bem mais frágeis. Bem mais frágeis, eu acho, do que a minha geração. (...) Têm uma prepotência muito grande. (...) Eles se colocam de igual para igual com você. Sim, sim, sim. Na relação com o professor e na relação de trabalho também. (...) [Se tem um problema e você] não bota na mesa, fica um emburrado a semana inteira, duas, três semanas. Então tem que abrir e conversar” (P4).

Na visão de P3 os professores encontram o desafio de que o aluno impõe uma sua ideologia sobre o professor, segundo a qual este deve ser como um amigo para o aluno e aceitá-lo como ele é, ao invés de formá-lo para progressivamente o qualificar. A visão de P4, por sua vez, é que os alunos da Geração Z encontram-se com uma fragilidade emocional maior do que a Geração Y. Além disso, entende que eles se colocam numa atitude de prepotência, segundo a qual estão no mesmo nível de um professor que, porém, empenhou-se por anos para chegar ao nível de maturidade profissional e pessoal ao qual chegou.

Essas asserções remontam ao constatado por Meneghetti (2013) quando afirma que esses jovens se colocam ao mesmo nível dos adultos, mesmo não tendo (se) construído ao mesmo nível destes. Essa atitude, bem como aquela segundo a qual os indivíduos da juventude do iPod buscam continuamente responsabilizar e condenar os adultos e responsáveis, são empregadas pelos jovens como álibis ao aprenderem, ao tornarem-se, ao crescerem, isto é, modos de evadirem a uma responsabilidade

natural que teriam diante da própria vida e da sociedade (Meneghetti, 2013).

Um terceiro desafio relatado pelos professores foi quanto à capacidade de sustentar projetos e decisões, como ilustram os seguintes trechos:

“Eles não conseguem sustentar qualquer projeto individual. (...) têm a ambição, mas não têm uma concretização em ação. (...) O maior problema que eu vejo hoje (...) não é ensinar nenhum tipo de conteúdo, é eles deixarem de ser preguiçosos” (P5).

“Esse aluno não é que ele não decide, ele decide. Agora, ele não tem uma constância sobre a decisão, ele não sustenta a decisão. (...) Muitos deles (...) muito facilmente desistiram, mas que nós, com mais maturidade, conseguimos ver um potencial ali. (...) Eles são realmente muito radicais a tal ponto de que, às vezes, eles abandonam algumas tarefas sem sequer dar satisfação” (P6).

Na visão de P5 os alunos apresentam uma dificuldade de sustentar seus projetos e ambições. Porém, o maior problema, na sua visão, é que os alunos poderiam empenhar-se mais do que estão se empenhando. Ao mesmo tempo, segundo P6 os alunos apresentam falta de constância sobre suas decisões e tendência a desistência. O professor aponta também um radicalismo, segundo o qual eles desistem de tarefas ao invés de pedir ajuda ao professor.

A essas constatações relacionam-se a subestimulação intelectual, que repercute em deficiências de concentração e aprendizagem, e a impulsividade – quanto ao radicalismo mencionado pelo professor – conforme aponta Desmurget (2021). Ao mesmo tempo, a carência de autonomia individual e a hipervelocidade da cultura do digital (Meneghetti, 2023; 2013), a qual pode fazer parecer que o ritmo biológico seja lento, relacionam-se a esses comportamentos descritos por P5 e P6.

Um outro desafio se refere a uma falta de memória e de continuidade por parte dos alunos, como ilustrado a seguir:

“Têm uma dificuldade grande de memória no sentido de dar uma continuidade em lembrar o que a gente fez totalmente na aula semana passada, e qual é a continuidade. (...) Têm muita ambivalência, muita presença de uma falta de ambição, não saber certo (...) o que quer da vida, o que tá fazendo aqui, naquilo que pode direcionar o seu potencial” (P7).

Segundo P7 os alunos dessa geração apresentam falta de continuidade ao nível de memória, demonstrando dificuldade em relembrar a cada aula o que foi estudado na anterior. Além disso, a professora entende que há presença de ambivalência nos alunos, isto é, possuem um direcionamento ambíguo no qual

uma face da ambiguidade não pode coexistir com a outra face. Isso se explicita ao dizer que esses alunos demonstram falta de posicionamento quanto a por que estão na faculdade e ao que querem com a própria vida, embora estejam na faculdade, em cursos que escolheram e que dão um direcionamento, ao menos em dimensão profissional, para suas vidas.

Essa falta de direcionamento é vista em Meneghetti (2023) ao apontar para aquilo que chama de *crise do humano*, que é a lógica atualmente difundida na sociedade em que não se sabe ao certo quem ou que é o ser humano, nem se tem a natureza humana, em sentido integral, como epicentro de ações e decisões.

Sumariamente, na visão dos professores: os alunos são idealistas, mas pouco realizadores; há um entendimento por parte dos alunos de que o professor está no mesmo nível que eles, não obstante sua trajetória; são jovens emocionalmente mais frágeis do que a geração anterior; os alunos apresentam pouca sustentação ou coerência com projetos e escolhas de médio ou longo prazo, mesmo tendo vontade e ambição; desistem também das suas escolhas com muita facilidade, isto é, escolhem estudar um curso específico no ensino superior, mas não têm uma clareza de por que estão na faculdade ou qual direção querem nas suas vidas.

B) Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z

A primeira estratégia reconhecida como distintamente efetiva se refere a atividades práticas, ilustrada pelos seguintes trechos:

“A única forma, pelo menos a que eu mais vi verdade (...) dar um desafio prático” (P1).

“Eles aprendem mais na prática, e aí a coisa faz sentido mais ainda. (...) Se eu quero tratar, por exemplo, de saber servir, eu posso entender o conceito e eu consigo visualizar como eu poderia fazer isso na prática. Os alunos, sobretudo os mais jovens, eles, na minha visão, não entendem [como seria aplicado na prática] o conceito (...) mas chega um momento do trabalho, enfim, na atividade, isso parece que surge e aí faz sentido para eles” (P2).

“Eles conseguem compreender muito facilmente conceitualmente, então eles conseguem explicar conceitualmente, mas é muito difícil fazer com que eles experienciem um conhecimento verdadeiro na própria vida” (P6).

Segundo as experiências de P1, P2 e P6, o modo mais funcional para formar os alunos tem sido ir além da teoria por meio de desafios práticos, pois na sua visão deste modo os jovens não apenas entendem melhor, mas entendem a conexão entre teoria e aplicabilidade prática. Essas experiências poderiam estar respondendo àquilo que Desmurget (2021) e

Meneghetti (2013; 2023) apontam como carência de funcionalidade prática por parte dos jovens de hoje. Uma vez que teriam sido muito substituídos seja pelas tecnologias digitais, seja por excessivos privilégios por parte de seus responsáveis, dar-lhes mais tarefas práticas – aprendizagem por meio da ação e por projetos (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022) – pode ser uma solução para suprir a falta destas que tiveram, e assim desenvolverem competência prática, bem como exercitarem sua autonomia e responsabilidade.

Outra estratégia é se valer dos resultados negativos que os alunos venham a obter por conta de suas próprias atitudes, segundo a metodologia inov-ativa de utilizar erros como fontes de aprendizado, como demonstrado no próximo trecho de entrevista:

“Mais cedo ou mais tarde, na relação contigo, eles vão quebrar a cara. [A atitude deles] não vai dar certo e aí acaba acontecendo o processo de formação. (...) [E então] ele vai ter que fazer uma escolha assim: ‘Ou eu me douro, ou eu me quebro’. E aqui eu já vivi as duas situações: o aluno entendeu, se reposicionou na relação de trabalho e aí segue um crescimento, ou ele sai (...) e segue com o seu idealismo” (P3).

Na experiência de P3 os alunos, em algum momento da sua trajetória universitária, confrontam-se com situações em que posicionamentos idealistas que possuíam não funcionam. Na sua perspectiva, é nesses momentos de ruptura em que o processo formativo realmente ocorre, porque a partir deles os jovens se reposicionam, tornando-se mais dispostos e abertos a aprender.

Esse excerto correlaciona-se com as referências de base sobretudo como resultado obtido pelos jovens descritos por Desmurget (2021) e Meneghetti (2013; 2023). Entretanto, em ambiente universitário, diante de uma falência por atitudes erradas, o jovem tem ainda a possibilidade de se reposicionar, adotando uma postura mais aberta para aprender com os seus professores – erros como fonte de aprendizado e aprender a aprender (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2022) –, ao invés de procurar pontos para criticá-los.

Uma estratégia que se mostrou efetiva foi levar questões existenciais e do dia a dia para a sala de aula, como relatado no seguinte trecho:

“eu fiz, que eu vi que eles vieram comigo, foi falar sobre as coisas, tipo, sobre a vida, a existência, a natureza, o porquê que a gente existe. (...) E aí volto para os problemas do dia a dia” (P4).

Na perspectiva de P4, levar para sala de aula questões existenciais e as intercalar com problemas do dia a dia tem se demonstrado uma estratégia efetiva para a formação dos jovens da Geração Z. Diante de um aumento da realidade digital e virtual, com substituição da vida real por uma “vida” digital

ou virtual (Meneghetti, 2023), a realocação da atenção do professor para questões existenciais – vide a questão da autonomia existencial (Meneghetti, 2013) – e cotidianas pode ser um modo de recuperar aquela profundidade e vivacidade que um ser humano originalmente teria.

Uma estratégia funcional apresentando relação inversa entre atividades textuais e mídias digitais é relatada a seguir:

“Me parece que eles de fato estão perdidos (...) Precisam de um suporte. (...) [Mas] eles entendem o texto, eles aprendem muito fácil o texto. Muito rápido. (...) Me parece que eles vão perdendo um pouco [o uso de mídia audiovisual] ao longo [do curso]. Eles vão se focando mais nos textos” (P5).

Na visão de P5, os alunos encontram-se em alguma medida sem direção exata para seguir em suas vidas, e precisam de suporte do professor para conseguirem progredir, ao menos nesse período formativo. Não obstante, P5 tem observado que os alunos demonstram agilidade para aprender com conteúdos textuais, inclusive reduzindo o uso de redes sociais e passando a se valer mais de conteúdos em texto ao longo do curso.

Essa visão reporta ao problema da falta de autonomia econômica, existencial e afetiva (Meneghetti, 2013) e ao problema da crise do humano, como anteriormente explicitado (Meneghetti, 2023). Por outro lado, a agilidade mental para lidar com informações textuais pode estar associada à maior velocidade de aprendizado por parte dessa geração, como aponta Meneghetti (2013). A partir disto, pode-se considerar como válido o uso textual para o ensino, em especial para cursos que trabalhem sobremaneira com textos, e como importante que o docente seja capaz não apenas de transmitir o conteúdo, mas também de dar algum suporte ao aluno que ainda não desenvolveu plenamente sua autonomia psicológica e pessoal.

Uma última estratégia efetiva foi quanto a lecionar de modo que o estudo fizesse sentido para os alunos, e não de modo genérico seguindo exclusivamente uma ementa e plano de aula previamente definidos, como demonstrado a seguir:

“[Se] conseguir tocar lá dentro deles (...) [Por exemplo, há um aluno] que enxergou coisas que faziam sentido para ele, falando dele, quem ele é e para vida dele. (...) Daquilo ali ele se interessa. ‘Ah, eu quero isso daqui, eu quero trabalhar isso aqui. Isso aqui tem sentido para mim. Isso aqui tá falando em mim, tá falando na minha vida’. (...) [E] não é só dar uma tarefa ou uma atividade, mas responsabilizar com algo que precisa ser feito, entregue com resultado, e que a partir daquilo possa ir crescendo cada vez mais” (P7).

Na visão de P7 é preciso tocar os alunos, não basta apenas lhes ministrar o conteúdo ou as atividades, pois no seu entendimento a formação acontece quando o aluno percebe que aquele conteúdo, aquela atividade faz sentido para si. Além disso, ela também considera que é preciso responsabilizar os alunos quanto às tarefas que devem fazer, pois deste modo eles crescem, amadurecem, tornam-se mais capazes.

Esse relato correlaciona-se à crise do humano (Meneghetti, 2023), pois se refere à questão do *sentido*: o aluno presta atenção, se envolve, se apropria do conteúdo e cresce se sente que aquilo faz sentido para si. Ao mesmo tempo, retorna a posição da educação à responsabilidade como fator-chave no desenvolvimento dos jovens (Meneghetti, 2013).

Sumariamente, segundo os professores, as melhores estratégias para formar os alunos têm sido: atividades práticas; questões existenciais e do dia a dia; experiências espontâneas de ruptura de paradigmas quando o aluno insistia sempre sobre uma mesma ideologia ou atitude; suporte ativo do professor para com os alunos; atividades com textos ou formatos não digitais com os quais os alunos têm menos familiaridade; tocar os alunos, isto é, formá-los com conceitos e atividades que fazem sentido para eles, evitando lecionar apenas a partir de ementa previamente definida.

C) Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z

Essa categoria foi organizada em duas subcategorias: “I - Para os professores” e “II - Para os alunos”, segundo a visão dos docentes.

I - Para os professores

O principal resultado emergente das entrevistas nessa subcategoria foi quanto a formação do professor, como apresentam os relatos a seguir:

“Existe uma imposição do professor que tem a formação FOIL na hora de tocar um aluno (...) [E o aluno entende:] ‘como se estivesse falando exatamente para mim’. (...) A FOIL (...) me ajuda muito mais numa sensibilidade, assim, de tocar o outro” (P1).

“O treino de autenticação [da FOIL] nos ajuda a não estabelecer relações complexuais com os alunos. Eu poderia estar enxergando um valor no aluno que ele não tem, em uma perspectiva complexual. (...) A aplicação da FOIL como técnica ajuda a centrar o caminho para formar aquele aluno, independente de como ele chega e que características ele apresenta, de qual geração ele é” (P3).

“...é utilizar da grandeza desse conhecimento para formação viva, realmente, desse jovem. (...) [A FOIL contribui] para percepção, para ausculta, para... inclusive saber direcionar. Muitas vezes eu preparei a

aula desse jeito. (...) [E] saber qual é (...) o escopo e qual a motivação daquela relação. O que eu estou fazendo ali? Eu não estou ali para brincar, eu não estou ali para ser parceiro, amigo, para sair depois, beber, ir no bar (...). Eu tô ali para construir algo de valor para vida dessa pessoa” (P7).

Na percepção de P1, a Metodologia FOIL proporciona ao professor o desenvolvimento de uma sensibilidade para contatar o aluno de um modo específico para ele. Isto é, entende-se uma aplicação do conceito e critério de educação centrada no aluno.

Por sua vez, segundo P3, o instrumento de *training de autenticação* presente na Metodologia FOIL contribui para que o professor estabeleça relações verdadeiras com os alunos, evitando pontos em que poderia agir complexualmente, o que prejudicaria o processo formativo. Conjuntamente, aplicando a FOIL enquanto técnica, P3 entende que se torna mais capaz de compreender o potencial natural do aluno e então direcionar sua formação nesse sentido.

Por fim, a visão de P7 é que a FOIL contribui para como o professor entende o aluno, de modo que lhe facilita no ajudá-lo, direcioná-lo, formá-lo de modo mais assertivo. Entende que com a aplicação da FOIL se constrói valor para a vida do aluno.

A essas percepções se relacionam a recuperação da dimensão ontológica do ser humano, isto é, da sua natureza autêntica (Meneghetti, 2013; 2023) e a formação de professores FOIL, como mencionado por Florêncio, Hermes, Wazlawick e Schaefer (2022), enquanto técnica para formar indivíduos segundo seu potencial natural. Nessa toada, entende-se como melhor o professor que educa e treina a si mesmo em um processo *life long learning* de descobrir e transformar a si mesmo, evadindo de seus pontos fixos e vícios, fortalecendo seus pontos fracos, e sobretudo crescendo segundo sua própria natureza humana e individual (Florêncio, Hermes, Wazlawick e Schaefer, 2022). Além disso, existe o processo de resolução à crise do humano, quando se busca metodologicamente e tecnicamente identificar e centrar qual é a vocação ou potencial de natureza do aluno, e balizar a sua formação nesse sentido.

II - Para os alunos

Com relação aos resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z tocante diretamente aos alunos, os professores entrevistados consideraram sobretudo a identificação da autenticidade de natureza individual do aluno e a condução da sua formação segundo esta, como demonstram os seguintes relatos:

“Quando eles têm a evidência de que não são aquilo que pensam e não conseguem fazer aquilo que acham que conseguem, aí tem um processo de aprendizado. (...) Mostrar que a tua existência, (...) tem que

construir a trajetória com responsabilidade. (...) o resultado depende maior parte do quanto vocês aproveitam. (...) a questão do suporte existencial também. Para onde eu vou? O que eu faço?" (P2).

"[A FOIL] explica, na verdade, a consciência que eles vivem depois no dia a dia, né? Porque, como eu trouxe na última aula, é a técnica de personalidade (...) para ser competente, competitivo, para buscar o potencial, para buscar a liderança (...). Funciona para o crescimento deles e funciona para os negócios" (P4).

"A FOIL ajuda, primeiro, na compreensão de si mesmo. Primeiro ponto. (...) Mexer naquela questão de grandeza e dignidade. 'Imaginem agora que vocês estão com 80 anos. Vocês têm orgulho do que estão construindo?'" (P5).

"...a tarefa, me parece, do professor, sobretudo do professor FOIL, é entender qual é o estágio de maturidade desse aluno e possibilitar os meios para que esse aluno tenha o confronto consigo próprio. Trabalhar aspectos que envolvam uma consciência de si. Ou seja, o aluno começar a se enxergar como pessoa, como identidade. Porque somente quando ele consegue começar a se enxergar como identidade, que ele consegue, relativamente, pensar numa perspectiva de trajetória de carreira" (P6).

No contexto da entrevista, P2 menciona uma questão idealista por partes dos jovens, segundo a qual eles se imaginam como mais capazes do que são *naquilo em que não o são*, mas como menos capazes *naquilo que são potencialmente mais capazes*. O diferenciador entre autoimagem e realidade se dá na ação, quando percebem que aquilo que imaginavam não é de fato assim, e então entendem que a vida concreta é mais difícil do que a vida imaginada. Nesse ponto, na visão do professor, eles se colocam com mais abertura para percorrer um processo de aprendizado.

Na visão de P4, a Metodologia FOIL trabalha a consciência dos alunos, portanto, nessa sede, como eles fazem a leitura do real no qual habitam dia a dia, reduzindo distorções nessa leitura. Além disso, considera também que por meio dessa proposta formativa se ensina uma técnica de personalidade para que o aluno desenvolva uma competência competitiva, isto é, um profissionalismo eficiente para seu desenvolvimento individual e para responder às demandas da sociedade.

Segundo P5, a contribuição primordial da FOIL é o aprendizado ou análise sobre como o indivíduo funciona, aquilo que comumente ou até mesmo vulgarmente é chamado de autoconhecimento. Ao tratar esse tema, o professor exemplifica um modo em que procura instigar os alunos na direção de sua intrínseca dignidade humana.

Finalmente, para P6, o principal objetivo de um professor deveria ser compreender o estágio atual de maturidade do aluno e então trabalhar para contribuir na evolução dessa maturidade. P6 entende que, por meio do amadurecimento, o aluno começa a compreender a si como pessoa única e irrepetível e, a partir disso, torna-se capaz de ter uma perspectiva de carreira.

Esses quatro entendimentos estão ligados ao conceito de recuperação da autenticidade ou identidade de natureza individual, isto é, da dimensão ontológica do indivíduo (Meneghetti, 2013; 2023), ao aprendizado das *self skills* ou *FOIL skills*, que em sede generalista e não metodológica pode se chamar de autoconhecimento (Schaefer; Silva; Wazlawick, 2023), e ao desenvolvimento de uma competência competitiva baseada na própria vocação ou potencial natural (Abich, 2023). Além disso, essas constatações dos professores indicam também a recuperação, ao menos em parte, daquelas características disfuncionais de personalidade e capacidade apontadas por Desmurget (2021).

Sumariamente, a visão dos professores sobre os resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z no ensino superior são: sensibilidade e autenticidade para contatar o aluno; presença do tema da grandeza e dignidade humana; compreensão do estágio de maturidade do aluno e suporte para o seu desenvolvimento; assertividade para compreender o aluno como ele é na sua individualidade e unicidade.

Por parte do aluno, na visão dos professores, os referidos resultados são: atitude de maior abertura para o aprendizado após entender de modo concreto a sua posição ou preparação atual; aprendizado de técnica de personalidade para a excelência profissional; conscientização e desenvolvimento da própria maturidade e, em sentido mais abrangente, conhecimento sobre si mesmo; direcionamento profissional e construção de valor na própria vida a partir da própria individualidade e unicidade.

SÍNTESSES DA ANÁLISE ACERCA DE COMO FORMAR A GERAÇÃO Z NO ENSINO SUPERIOR

A) Desafios no ensino à Geração Z

A partir da análise dos excertos, definiram-se os seguintes elementos presentes nos jovens da Geração Z que se constituem como desafio à sua formação no ensino superior:

1. Vontade de ação, mas carecendo de preparação;
2. Vontade ou ambição idealista, mas com falta de planejamento e ação concretos;
3. Posicionamento de que o professor deve ser amigo do aluno;
4. Fragilidade emocional, mas com grande prepotência;

5. Dificuldade de manter constância no esforço;
6. Facilidade em desistência;
7. Falta de ambição ou direção na própria vida.

B) Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z

A partir dos excertos selecionados, definiram-se as seguintes estratégias mais bem-sucedidas para educar a Geração Z em contexto universitário.

1. Aprendizado por meio de desafios práticos;
2. Após um grande insucesso espontâneo, reposicionamento da atitude idealista para a atitude de aprender;
3. Questões existenciais intercaladas com questões do dia a dia;
4. Suporte do professor para com o aluno;
5. Facilidade para entender logicamente os conceitos;
6. Interesses individuais de cada aluno.

C) Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z

A partir dos excertos selecionados, definiram-se os seguintes resultados da aplicação da Metodologia FOIL no referido contexto. Estes estão divididos em duas subcategorias: “I - Para os professores” e “II - Para os alunos”, reiterando-se que na visão docente.

I - Para os professores

1. Desenvolvimento de sensibilidade para tocar o aluno;
2. Treinamento para estabelecer relações autênticas com os alunos;
3. Técnica para centrar o caminho de formação do aluno, independentemente de como este chega à IES;
4. Conhecimento para proporcionar uma formação viva e construir valor para a vida do aluno.

II - Para os alunos

1. Formação à responsabilidade para com a própria vida;
2. Aprendizado de técnica de personalidade para se tornar um profissional competente e competitivo;
3. Estímulo a despertar a vontade de grandeza e dignidade de si mesmo;
4. Desenvolvimento da consciência de si mesmo, enquanto ser único e irrepetível.

Considera-se que os resultados da pesquisa contribuem à discussão sobre como educar os jovens da Geração Z na atualidade, trazendo compreensões de professores de Metodologia FOIL, isto é, de formação interdisciplinar, empreendedora, de liderança e, sobretudo, humanista. Por fim, discutem-se alguns aspectos considerados neste

estudo como especialmente importantes para a qualidade do ensino brasileiro no cenário atual.

O primeiro aspecto a ser estudado é aquele mencionado por Gustavo Santos *et al.* (2024, p. 389). Eles entendem que, tendo em vista o cenário heterogêneo dos discentes universitários brasileiros, o docente “...deve se preocupar primeiramente em acolher o aluno, respeitar as diferenças e valorizar cada oportunidade para o aperfeiçoamento e enriquecimento dos processos de ensino e aprendizagem diante da diversidade cultural que se apresenta na sala de aula”. A essa visão corroboram as sínteses 3 e 4 da categoria *Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z*, em que os professores entendem que trabalhar questões existenciais e do dia a dia dos alunos, bem como lhes dar suporte, são importantes para o seu aprendizado efetivo.

Outro aspecto ao qual se considera atribuir especial atenção é “...a necessidade de equilibrar o uso da tecnologia com outras atividades e interações face a face para promover um desenvolvimento saudável” (Silvana Santos *et al.*, 2024, p. 5). Encontra-se um reforço a esse entendimento nas sínteses 1, 2 e 3 da categoria *Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z*, em que atividades, experiências e questões práticas foram consideradas pelos respectivos professores como sobremaneira efetivas na formação dos jovens.

Também a concepção da *educação centrada no aluno* figura com importância nesse contexto, sendo a sua aplicação na educação contemporânea indicada, em especial, pela UNICEF (2019). Nesse sentido, corroboram a síntese 6 da categoria *Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z* e as sínteses I1, I2, I3, II1, II3 e II4 da categoria *Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z*. As perspectivas dadas pelos professores sintetizadas nesses pontos apresentam foco na individualidade e unicidade do aluno, abrangendo desde interesses pessoais até o desenvolvimento da sua autoconsciência.

Outro ponto que pode ser considerado de grande importância na atualidade é o aumento de políticas assistencialistas. Segundo o artigo 29º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), todo indivíduo “tem deveres para com a comunidade” (ONU, c2025). Embora não explice quais deveres – deve-se ter em vista que cada sociedade possui estrutura, funcionamento e valores que são muitas vezes apenas seus –, posiciona uma atitude *colaborativa* não como um direito, mas como um dever. Assim, considera-se a atitude de colaboração como *essencial* seja para a subsistência, seja para a evolução continuada do ser humano como indivíduo e como sociedade.

A esta indicação da ONU para o bem-estar e desenvolvimento humano convergem sobretudo as sínteses 4 da categoria *Estratégias mais efetivas para formar os jovens da Geração Z*, e de I1 a I4 da categoria *Resultados da Metodologia FOIL na formação da Geração Z*. Essas apresentam de modo explícito uma atitude e empenho de serviço qualificado para o suporte e formação do aluno. Por sua vez, as sínteses II1 e II2 dessa categoria merecem especial atenção, pois nesse sentido elas são as características fulcrais da formação do aluno para ser um eficiente construtor da própria vida e colaborador para com a sociedade. Respectivamente, são estas: *III - Formação à responsabilidade para com a própria vida; II2 - Aprendizado de técnica de personalidade para se tornar um profissional competente e competitivo.*

Por fim, há ainda a questão da dignidade humana, contributiva às questões já mencionadas, afirmada pelos artigos 1º e 2º da DUDH (ONU, c2025). Em especial, esta tem sido centro de discussões desde o renascimento italiano, no século XV, por exemplo com Pico della Mirandola em sua obra *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, na qual o autor afirma a divindade e maravilha que o ser humano é por natureza, ou então que pode ser, conforme o modo que conduz a si mesmo na sua existência.

As sínteses que apresentam atuação em reforço a essa questão são: *II3 - Estímulo a despertar a vontade de grandeza e dignidade de si mesmo e II4 - Desenvolvimento da consciência de si mesmo, enquanto ser único e irrepetível*. A dignidade do homem, por como é trabalhada pela Metodologia FOIL, implica essencialmente: (1) uma curiosidade, um amor e uma fidelidade àquela que é a identidade de natureza, originária de cada indivíduo (Meneghetti, 2023); (2) uma construção histórica, concreta dessa identidade de natureza, em contínua realização de si mesmo e contribuição para com a sociedade (Meneghetti, 2023). Essa é a visão e proposta da FOIL para a formação e desenvolvimento humano na era contemporânea.

CONCLUSÃO

Diante do quanto estudado, coletado, analisado e exposto, consideram-se como principais contribuições desta pesquisa: (1) as sínteses apresentadas, que se destinam a servirem como guias para um ensino superior mais efetivo à formação de jovens da Geração Z; (2) as percepções dos professores, que se fazem úteis para melhor entender os jovens dessa geração, segundo o ponto de vista de professores de formação interdisciplinar e humanista; e (3) a exposição dos resultados da Metodologia FOIL, importante para averiguar a efetividade da sua aplicação e para contribuir à sua atualização diante do cenário atual do ensino superior brasileiro.

Conclui-se que a formação da Geração Z no ensino superior requer estratégias que incluam *atividades práticas, suporte existencial e responsabilização progressiva* dos estudantes. A Metodologia FOIL, por sua vez, tem demonstrado eficácia em proporcionar uma formação que integra autoconhecimento, técnica de personalidade e amadurecimento existencial.

Por fim, espera-se que esses resultados possam contribuir para com as atividades de outros profissionais da educação quanto à formação de jovens da Geração Z no ensino superior.

AGRADECIMENTOS

Endereçam-se cordiais agradecimentos aos professores participantes da pesquisa, pois se que somente quem está no centro da ação é capaz de ver e compreender de modo mais profundo e mais detalhado como melhor formar os jovens hoje.

REFERÊNCIAS

- ABICH, J. T. **Desenvolvimento profissional de egressos da AMF a partir da metodologia FOIL.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Especialização em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti, 2023. Disponível em: <http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/handle/123456789/870>.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais:** os perigos das telas para as nossas crianças. São Paulo: Vestigio, 2021.
- FILATRO; CAVALCANTI. **Metodologias inov-ativas:** Na educação presencial, a distância e corporativa. São Paulo: Saraiva Uni, 2018.
- FLORÊNCIO, G. H.; HERMES, P. H.; WAZLAWICK, P.; SCHAEFER, R. **COMO “FABRICAR” UM PROFESSOR DE ONTOPSICOLOGIA? UMA PESQUISA SOBRE O ESTUDO, A APLICAÇÃO E O ENSINO DA ONTOPSICOLOGIA.** *Revista Brasileira De Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology*, v. 2, n. 3, 07-23, 2022. Recuperado de <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/51>
- MENEGETTI, A. **Do Humanismo Histórico ao Humanismo Perene.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- MENEGETTI, A. **Psicologia Empresarial.** 2. ed. Recanto Maestro: FOIL, 2020.
- PICO DELLA MIRANDOLA, G. **Discurso sobre a dignidade do homem.** Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Gelho. Lisboa: Edições 70, 2001.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the horizon**, Bradford, v. 9, n. 5, p. 2-6, 2001. <https://doi.org/10.1108/10748120110424816>.

SANTOS, G. S.; MAROTTA, L. I. M.; CLEMENTE, G. A. B. F.; LIMA, G. de M. Os desafios enfrentados na qualidade da educação superior no entendimento do docente. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 389-402, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/3260>.

SANTOS, S. M. A. V. et al. EDUCAÇÃO PARA A GERAÇÃO DIGITAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS. **Revista Foco**, Curitiba, PR, v. 17. n. 1, e4072, p. 01-18, 2024. Disponível em: <https://www.doi.org/10.54751/revistafoco.v17n1-040>.

SCHAEFER, R.; WAZLAWICK, P.; SILVA, B. P. O passo adiante das hard e soft skills: a novidade da FOIL na formação universitária. **Revista Brasileira De Ontopsicologia - Brazilian Journal of Ontopsychology**, v. 2, n. 2, 39-58, 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/41>.

SCHAEFER, R.; SILVA, B. P.; WAZLAWICK, P. A PROPOSTA DAS FOIL SKILLS NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO. In: **Anais do Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**. Diamantina (MG), Online, 2024a. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cobicet2024/8978-51-A-PROPOSTA-DAS-FOIL-SKILLS-NO-ENSINO-SUPERIOR-BRASILEIRO>.

SCHAEFER, R.; SILVA, B. P.; WAZLAWICK, P. Formação integral e protagonismo responsável: uma nova proposta de educação universitária. **Anais do X CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2024b. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/114614>.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. c2025. Disponível em: <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por>.

UNICEF. **A educação centrada no aluno é uma "melhor prática"?** 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/esa/media/6866/file/EducationThinkPieces-9-ImprovingClassroomPractice-PT.pdf>.